

AS DIFERENTES CULTURAS ESCOLARES NAS DUAS FASES DO ENSINO FUNDAMENTAL E O SEU IMPACTO NO (IN)SUCESSO DOS ESTUDANTES QUE PASSAM POR ESSA TRANSIÇÃO

Mauricio Pastor dos Santos

RESUMO

O objeto desse estudo é análise das diferentes culturas escolares vivenciadas pelos estudantes do ensino fundamental e que são distintas na fase inicial, que compreende os cinco primeiros anos dessa etapa da educação básica, e na fase final, que compreende o período que vai do 6º ao 9º ano. Busca contextualizar o cotidiano das escolas, considerando alguns aspectos que a literatura nos fornece sobre essa temática e dados disponibilizados pelo INEP, referentes à distorção idade/série e reprovação no 5º e 6º ano. As conclusões indicam que é necessário considerar as dificuldades de adaptação dos estudantes que ingressam no 6º ano, uma vez que a cultura escolar é diferente em cada uma das fases do ensino fundamental, e essa diferença apresenta indícios de estar impactando o sucesso desses estudantes nessa transição.

PALAVRAS CHAVE: Cultura Escolar; Ensino Fundamental; Transição.

INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga os aspectos das culturas escolares presentes no cotidiano das escolas públicas do ensino fundamental atualmente. A proposta é pesquisar na literatura que trata desse tema o que está presente sobre os aspectos da chamada “cultura escolar” (JULIA, 2001) e traçar um paralelo com o dia a dia vivenciado pelos estudantes nas escolas. A questão que orienta essa análise é: a diferença entre a cultura escolar presente nos anos iniciais do ensino fundamental e a cultura presente nos anos finais dessa etapa da educação básica estaria impactando o sucesso do estudante nessa etapa da educação básica?

Tem como objetivo fazer uma breve exploração sobre o conceito de cultura escolar e fazer algumas reflexões a respeito, considerando as ponderações de JULIA, 2001; VIÑAO, 2001; BOTO, 2014 e dados divulgados pelo INEP em 2014.

AS DIFERENTES CULTURAS ESCOLARES E A DESARTICULAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

A desarticulação entre os anos iniciais e finais do ensino fundamental nas escolas públicas, se evidenciou a partir do processo de municipalização da fase inicial do ensino

fundamental ocorrido no Brasil nas últimas décadas, o que se efetivou em maior ou menor grau, nas unidades federativas do Brasil.

No Paraná, a situação referente à separação do ensino fundamental em duas fases já havia sido destacada no documento que avaliou o impacto da municipalização do ensino fundamental do Paraná, ainda no início dos anos 1990, quando os municípios que assinavam o Termo Cooperativo de Parceria Educacional¹ entre Estado e municípios assumiam o ensino fundamental de 1ª a 4ª série. Conforme está relatado nas conclusões do documento: “O processo de municipalização está provocando uma separação rígida, que não poderia haver no campo da educação pública, quanto às responsabilidades de cada esfera de governo”. (PARANÁ, 1996, p. 89).

Continua ainda o mesmo relatório, a afirmar que “o processo de municipalização pode estar criando uma segmentação dentro do próprio ensino fundamental, fazendo com que a nova estrutura dos cursos de 1ª a 4ª série provoque a exclusão dos alunos da próxima fase (5ª a 8ª série) [...]” (PARANÁ, 1996, p. 93)

Passados 17 anos, o documento que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica de 2013, vem salientar essa mesma fragmentação no nível nacional:

Essa realidade requer especial atenção dos sistemas estaduais e municipais, que devem estabelecer forma de colaboração, visando à oferta do Ensino Fundamental e à articulação entre a primeira fase e a segunda, para evitar obstáculos ao acesso de estudantes que mudem de uma rede para outra para completarem escolaridade obrigatória, garantindo a organicidade e totalidade do processo formativo do escolar. (BRASIL, 2013, p.38)

Essa cisão dentro da mesma etapa, e a conseqüente necessidade de articulação no âmbito de uma transição que possa orientar e subsidiar as práticas pedagógicas empregadas numa e noutra fase, é enfatizada também nos estudos desenvolvidos por Cainelli:

Em que âmbito se constitui na prática esta passagem entre os níveis de ensino? Seria uma transição articuladora ou desarticuladora? Enquanto estruturas distintas, estes espaços não se articulam de forma a propiciar uma continuidade de propostas pedagógicas e caracterizam-se por serem redes de ensino distintas, o que dificulta o processo de transição do aluno da rede municipal para a estadual. (CAINELLI, 2011, p. 128)

Assim, nota-se que os estudantes do ensino fundamental atualmente, estão diante de duas práticas pedagógicas com características diferentes nos anos iniciais e nos anos finais.

Do 1º ao 5º ano, as crianças usualmente são atendidas por um número menor de professores. Está presente a figura do professor generalista, o regente, que estabelece uma

¹ Modelo do Termo utilizado é parte do Anexo III do documento *Avaliação do impacto da municipalização do ensino fundamental no estado do Paraná*. IPARDES, Curitiba, 1996, 163 p.

relação afetiva bastante próxima de todos os estudantes da turma. Os tempos em que são estudadas as disciplinas não tem a mesma rigidez dos horários definidos dentro da matriz curricular estabelecida do 6º ao 9º ano. O próprio número de professores aumenta e a referência que os estudantes tinham do professor regente desaparece.

Nesse contexto, é oportuno estabelecer o debate quanto às dificuldades que os estudantes oriundos dos 5º anos enfrentam nesta passagem para o 6º ano, considerando que isso não significa apenas uma mudança de tipo de instituição, da Rede Estadual para a Rede Municipal de Educação, mas de uma mudança de cultura escolar, que na definição de Dominique Julia, é entendida como:

(...) um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p.10)

As práticas pedagógicas, escolares, caracterizam-se como elementos importantes a serem estudados e podem interferir significativamente no sucesso do estudante, caso não seja levada em consideração, principalmente quando estamos falando de estudantes que, na transição do 5º para o 6º ano, estão, na maioria dos casos, com 10 ou 11 anos, ainda crianças.

Ao se observar indicadores de sucesso dos estudantes na escola pública, como a taxa de distorção idade-série e a taxa de reprovação, verifica-se que os números mostram o efeito que a mudança nessa fase causa.

Para exemplificar essa constatação, tomam-se por base as estatísticas publicadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), em 2014, para as 162 escolas públicas estaduais e 181 municipais, situadas no município de Curitiba. Os indicadores mostram que a distorção idade-série no 5º ano das escolas municipais é de 6,9%. O mesmo indicador, no 6º ano das escolas estaduais, salta para 15,8%, um aumento de mais de 120%. A distorção ocorre também nos outros anos dessa etapa, porém, um aumento dessa magnitude é observado somente nessa ocasião. Examinando-se ainda a taxa de reprovação, verifica-se que, em toda a rede municipal de ensino, no 5º ano, a taxa de reprovação é de 3%, ao mesmo tempo em que no 6º ano, na rede estadual, a taxa é 13,8% (BRASIL, 2014).

Não se trata, entretanto, apenas de um momento de adaptação no momento da transição de uma estrutura administrativa para outra, mas da necessidade de uma investigação mais profunda sobre como conhecer os diferentes elementos que compõem a cultura escolar em cada fase da vida escolar do estudante para que isso seja mais um fator de sucesso em sua trajetória. Na assertiva de Antônio Viñao:

Cada establecimiento docente tiene, más o menos acentuada, su propia cultura, unas características peculiares. No hay dos escuelas, colégios, institutos de enseñanza secundaria, universidades, o facultades exactamente iguales, aunque puedan establecerse similitudes entre ellas. Las diferencias crecen cuando comparamos las culturas de instituciones que pertenecen a distintos niveles educativos. (VIÑAO, 2001, p. 34)

Logo, dada a influência da cultura escolar vivenciada pelo estudante em seus anos iniciais e as mudanças que ocorrem durante sua trajetória estudantil, além das modificações que eventualmente ocorrem de tempos em tempos nos sistemas públicos de ensino, é necessária a devida atenção às mudanças que ocorrem com os diversos elementos que orbitam a cultura escolar, como a forma em que as disciplinas são divididas, a quantidade de professores que atendem a uma turma de estudantes, a distribuição do espaço e do tempo, a forma de promoção dos estudantes, o modo de comunicação entre o professor e o aluno, a organização da escola, o currículo, a transição da infância para a adolescência e outros rituais característicos desse momento da vida escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sobre as diferenças entre as culturas escolares presentes numa e noutra fase do ensino fundamental, como foram construídas e seus desdobramentos, pode ser um auxiliar para o professor que está atuando nos sistemas de ensino, nessa etapa da educação básica.

Seja na fase inicial ou na fase final, conhecer o que se passa na vida escolar do estudante nos anos iniciais, bem como conhecer como é o cotidiano da escola do 6º ao 9º ano, proporciona ao estudante e ao docente, a possibilidade do olhar integral, orgânico, do processo formativo.

Como afirma Carlota Boto:

Reconstituir a história das práticas de ensino, paralelamente à busca de compreensão das teorias pedagógicas, é uma maneira de se buscar apreender quais práticas foram as que mais deram certo, quais foram exitosas. Com isso teremos mais elementos para, porventura, compreender: por que esta ou aquela escola, este ou aquele professor ensinam bem ou ensinam mal? Quais são as formas de ensinar mais merecedoras de crédito por seus méritos, por seus resultados e por seu reconhecimento público? Quais são os ritos que precisarão ser abolidos do cenário da sala de aula? (BOTO, 2014, p.114)

Trata-se, portanto, da necessidade de uma investigação sobre como conhecer os diferentes elementos que compõem a cultura escolar e as práticas pedagógicas em cada fase da vida escolar do estudante para que isso seja mais um fator de sucesso em sua trajetória, a fim de que o estudo dessas mudanças proporcione a elaboração de intervenções pedagógicas que venham ao encontro das necessidades de professores e estudantes no dia a dia da escola.

REFERENCIAS

BOTO, Carlota. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **Revista História da Educação**. Porto Alegre, v.18, n.44, set/dez. 2014, p. 99-127.

BRASIL. MEC. SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013.

BRASIL. **Informações Estatísticas**. Indicadores Educacionais – Educação Básica – INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 24 de março. 2016.

CAINELLI, Marlene Rosa. Entre continuidades e rupturas: uma investigação sobre o ensino e aprendizagem da História na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 42, p. 127-139, out./dez. 2011.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº1, jan/jun., SBHE, [S.l.], 2001

PARANÁ. Avaliação do impacto da municipalização do ensino fundamental no Estado do Paraná. **IPARDES**, Curitiba, 1996, 163 p. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/aval_impacto_ensino_fundam_08_96.pdf. Acesso em 10 de setembro de 2015.

VIÑAO, Antonio. Educação no Brasil: história e historiografia / **Sociedade Brasileira de História da Educação, (Organizadora)** – Campinas, SP: Autores Associados: São Paulo: SBHE, 2001 (Coleção memória da educação)